

# D. Pedro II tradutor: do sânscrito ao guarani

Carla Cavalcanti e Silva<sup>1</sup>

## Resumo

Resenha do livro *Hitopadeśa*<sup>2</sup>, de Pedro II.

Palavras-chave: D. Pedro II; *Hitopadeśa*; Edição genética.

## Abstract

Review of *Hitopadeśa*, by Pedro II.

Keywords: D. Pedro II; *Hitopadeśa*; Genetic edition.

Revista de  
Crítica Genética  
ISSN 2596-2477

N. 54 • 2024

Submetido:  
20/11/2024

Aceito:  
11/12/2024

- 
- 1 Docente da área de Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da Universidade Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Campus de Assis). E-mail: [carla.cavalcanti@unesp.br](mailto:carla.cavalcanti@unesp.br).
  - 2 Pedro II, Imperador do Brasil. **Hitopadeśa**. Org. Sergio Romanelli, Cristiane Stallaert, Adriano Mafra. 1. ed. – Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2020. (Coleção Transtextos; v. 7)

O livro *Hitopadeśa*, retirado do manuscrito de uma tradução em português do conto indiano, realizada pelo segundo e último imperador do Brasil, Dom Pedro II, foi, primeiramente, fruto de ampla pesquisa de doutoramento de Adriano Mafra, da Universidade Federal de Santa Catarina. Editado geneticamente pelo professor Sérgio Romanelli, orientador de Mafra, pela professora Cristiane Stallaert, da Universidade da Antuérpia, Bélgica, e pelo próprio Adriano Mafra, o livro se divide em duas seções.

Na primeira parte, encontramos uma excelente introdução sobre o imperador, sua atividade tradutória, bem como sua preocupação em inserir o Brasil em um capital letrado, para que a nação brasileira fosse reconhecida, sobretudo, no Velho mundo, no qual estudos sobre o Oriente estavam em voga no século XIX.

Na segunda seção, temos a transcrição diplomática do manuscrito supracitado, acompanhada de seus fac-símiles.

Para compreendermos o papel fundamental da tradução na formação de uma sociedade letrada, o livro traz, em sua primeira parte, considerações importantes sobre a atividade tradutória. Longe de ser considerada um hobby de Dom Pedro II, os autores explanam que traduzir era um dos principais elementos da agenda do imperador, que buscava construir novas feições sobre o Brasil, para que a nação pudesse, de fato, ser reconhecida internacionalmente.

*Ao contrário do que ocorrera na América espanhola, no Brasil colonial o desenvolvimento de uma elite cultural “letrada” tinha sido praticamente inexistente e, no momento da independência, o país carecia de universidades e de imprensa. Quando Dom Pedro II chegou ao trono do Brasil, em 1841, todo o trabalho de criação de um capital “letrado” nacional ainda deveria ser feito. Dom Pedro II era um homem apaixonado pelas letras, pelas ciências e pelas artes. Como estadista, ele entendeu a importância de fornecer à jovem nação brasileira um rosto próprio, que fosse internacionalmente reconhecido<sup>3</sup>.*

Mas podemos nos perguntar em que medida a tradução era, naquela época, um dos recursos mais indispensáveis para se atingir tal reconhecimento. Os autores elucidam que para compensar o atraso cultural do Brasil frente as outras nações, Dom Pedro II implementa uma verdadeira política cultural, com vistas ao desenvolvimento da educação no Brasil e de um capital letrado que pudesse alçar o país a um status de importância:

*No contexto da época, construir uma identidade nacional própria implicava, necessariamente, elaborar uma identidade “letrada” brasileira, e essa tarefa se desenvolveu a partir da incansável e quase obsessiva política cultural do Imperador, centrada na escrita, na tradução e na educação<sup>4</sup>.*

---

3 Pedro II, Imperador do Brasil. **Hitopadeśa**. Org. Sergio Romanelli, Cristiane Stallaert, Adriano Mafra. 1. ed. (Coleção Transtextos; v. 7). Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2020, p. 11.

4 Ibidem, p. 12.

Apoiados em Casanova<sup>5</sup>, os autores demonstram que a atividade tradutória servia, deste modo, como uma estratégia aceleradora, cujo intuito era recuperar o tempo literário, fazendo com que o Brasil, longe geográfica e temporalmente do centro, entrasse numa espécie de concorrência literária mundial.

Para tanto, os autores evocam como mais uma estratégia de inserção do Brasil no rol dos países letrados, os textos que foram elaborados para a Exposição Universal de Paris, ocorrida em 1899, bem como o verbete *Brésil*, criado para a *Grande Encyclopédie* e o livro *Brésil*, ambos publicados no mesmo ano de 1899.

Essas criações, consideradas como “alegorias nacionais”, que cobram sentido no complexo jogo transnacional de acumulação e consagração de capital cultural de uma jovem nação<sup>6</sup> como o Brasil, e alegóricas, justamente por estarem atreladas à política cultural de Estado de Dom Pedro II, revelam o quanto o imperador se empenhava, por meio de criações e sobretudo traduções, em tornar visível uma nação periférica que havia se emancipado do jugo colonial.

Os autores esclarecem que a própria invisibilidade de Dom Pedro II perante os representantes políticos da época vem reforçar a relevância da tradução, pois “para o Imperador, a atividade tradutória era mais do que um simples ‘anexo’ e, ao contrário, estava inserida na rede supranacional de práticas culturais e políticas do Segundo Império”<sup>7</sup>.

Nestes termos, os autores destacam certos paradoxos que caracterizaram a empreitada de Dom Pedro II: se ele se mostrava um “tradutor combativo”<sup>8</sup>, extremamente comprometido com o desenvolvimento político-cultural do Brasil, traço marcante dos nacionalismos modernos, e investido na figura do imperador, representava certo atraso e anacronismo do ponto de vista desses nacionalismos modernos.

Por este motivo, os autores salientam que, por inúmeras vezes, Pedro II, em viagens internacionais, se apresentava sob a alcunha de Pedro de Alcântara, esboçando seu interesse em ser identificado como um cidadão moderno e letrado, enquanto no Brasil, se investia de seu poder de imperador:

*A hibridez de Dom Pedro II — Imperador/letrado — é observável na maneira como ele se autorrepresenta em suas viagens na Europa, onde desejava insistentemente ser visto e aceito como o cidadão e letrado moderno Pedro de Alcântara: sem roupas imperiais, sem insígnias ou uniformes, recorrendo à estética imperial só para reforçar sua autoridade interna no Brasil. O Imperador “brinca” com essa dupla autorrepresentação dependendo da estratégia de acumular capital cultural em certo contexto: às vezes,*

---

5 Pedro II, op. cit., p. 12. Cf. CASANOVA, P. Consécration et accumulation de capital littéraire [La traduction comme échange inégal]. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. 144, Septembre 2002. Traductions : les échanges littéraires internationaux. p. 7–20.

6 Ibidem, p.12.

7 Ibidem, p.13. Cf. CASANOVA, P. Combative Literatures. In: **New Left Review**, 72, nov./dec. 2011, p. 123–134.

8 Ibidem, p. 14.

*autorrepresentando-se como Imperador; às vezes, como cidadão moderno e letrado.*<sup>9</sup>

Ainda que toda essa busca pela ilustração da nação e por uma autorrepresentação como cidadão letrado dialogasse com certa homogeneidade dos saberes valorizados e cultivados na época, os autores sublinham que o imperador era cômico da heterogeneidade e da pluralidade que formavam a identidade nacional e não considerava possível excluir o ensino da língua tupi de sua política de ensino. Para Dom Pedro II, o tupi tinha grande relevância para o povo brasileiro, e, por este motivo, a identidade letrada que ele buscava forjar estava calcada tanto na escrita, quanto na oralidade: “Dom Pedro II tenta, então, criar uma identidade letrada baseada não somente na escrita de acordo com o cânone ocidental, mas também na oralidade e na tradição indígena brasileira”<sup>10</sup>.

Essa preocupação de Dom Pedro II com a língua tupi não se restringiu apenas à educação em território nacional. Com o intuito de completar o verbete *Brésil* para a *Grande Encyclopédie*, o imperador “manda para Rio Branco o texto sobre a língua tupi do professor Seybold — orientalista alemão que auxiliava Dom Pedro nos estudos de árabe e de sânscrito”<sup>11</sup>. Fica perceptível o objetivo de D. Pedro II em elevar a língua indígena para uma condição letrada, divulgando o perfil da nação brasileira de maneira mais realista.

Embora a edição crítico-genética traga apenas um manuscrito de uma das muitas traduções realizadas por Dom Pedro II, sua introdução nos deixa entrever, de maneira bastante completa, toda a atividade intelectual e tradutória do imperador, que tinha um pendor bastante forte para as letras, como os autores ilustram por meio de uma passagem do diário de Dom Pedro: “31 de dezembro de 1861: Nasci para consagrar-me às letras e às ciências, e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da República ou ministro à de imperador”<sup>12</sup>.

Os trechos das cartas, bem como as diversas passagens que os autores recuperam do diário do imperador nos ajudam a delinear um perfil bastante interessante de Dom Pedro II.

Nas cartas trocadas com o Barão de Rio Branco, encontramos o homem político, o diplomata cultural que procura por meio do verbete e do livro *Brésil*, apresentar o país ao Velho Mundo, com o intuito de suscitar curiosidade e pesquisas futuras sobre o Brasil:

*O artigo ‘Brésil’ está muito bom. Revi-o e fiz-lhe algumas observações à margem, junctando outras do Olegario, e um trabalho sobre a língua dos Indígenas do Brazil, que eu revi, foi feito pelo Dr. Seibold, meu mestre de línguas orientaes*<sup>13</sup>

9 Pedro II, op. cit., p. 16.

10 Ibidem, p. 18.

11 Ibidem, p. 17.

12 Ibidem, p. 14. Cf. ALCÂNTARA, P. de. **Diário do Imperador D. Pedro II**. Org. Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999, p. 122.

13 Ibidem, p. 15. Cf. RIO BRANCO, M. **Correspondência entre D. Pedro II e o Barão de Rio Branco (1889 a 1891)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, p.52.

Além disso, os autores apontam que uma das grandes estratégias de Dom Pedro II para o sucesso e boa circulação do verbete, foi apagar sua voz autoral de imperador, atribuindo artificialmente sua autoria a um suposto letrado francês, conhecedor das terras brasileiras. Ainda por meio das cartas trocadas com Rio Branco, os autores apresentam o êxito que esses artigos, bem como a biografia sobre Dom Pedro II, publicada em francês, acarretam para o Brasil e para a figura do imperador: “Os jornais se têm ocupado do livro que vae encontrando grande aceitação graças ao nome de Vossa Majestade. Tomo a liberdade de incluir aqui uma notícia do Journal de Débats e outra da Gazeta de França”<sup>14</sup>.

Já os fragmentos dos diários nos trazem uma figura apaixonada pelo aprendizado e pelo estudo das línguas orientais. Há inúmeras entradas em que Dom Pedro II menciona o estudo do hebraico ou do sânscrito em suas atividades cotidianas, e mesmo após sua expatriação devido à Proclamação da República, Pedro II permanecia com essas atividades de maneira quase obsessiva, chegando até mesmo cansar seu professor alemão, que, nos últimos meses de vida do monarca, se viu obrigado a ler livros para que Dom Pedro adormecesse.

O livro traz uma grande contribuição para a compreensão do que foi o orientalismo naquela época. Partindo de discussões pertinentes sobre o tema, mobilizando textos de Edward Said e Alcinda Rita Ramos, os autores identificam Dom Pedro II como um “orientalista crioulo”, por reunir, em suas atividades, as duas vertentes do orientalismo, a saber: o ontológico e o intelectual.

No tocante ao orientalismo ontológico, o monarca se insere nessa vertente, por ser ela um “reflexo do substrato ibérico trazido pelos portugueses, fruto do convívio histórico lusitano com povos de estirpe oriental e cristalizado nos costumes, na arquitetura colonial e na própria língua do império tropical”<sup>15</sup>. Os portugueses, oriundos de um contexto em que o “mouro” era o oriental e, portanto, o “outro”, ao aportarem em terras brasileiras, desenvolveram esse mesmo olhar com relação aos indígenas. Sob essa ótica portuguesa e europeia, os indígenas foram considerados à moda oriental e o estudo de sua cultura e língua seria uma espécie de desdobramento do que ocorria no Velho Mundo.

Em suas viagens pelo interior do Brasil, Dom Pedro II “reconhece elementos orientais visíveis na arquitetura do país, testemunhos da antiga condição de colônia portuguesa”<sup>16</sup>, o que o faz compreender que haveria, portanto, um estilo mourisco que integrava a identidade brasileira.

No que concerne o orientalismo do tipo intelectual, ele foi recorrente, sobretudo, nas viagens internacionais do imperador, bem como em seus profundos estudos das línguas orientais, que compreendiam o árabe, o hebraico e o sânscrito, e a sua prática tradutória. Mas essa atividade mais intelectual, segundo os autores, não pode ser separada “da exploração das vertentes ibéricas e indígenas da realidade

---

14 Pedro II, op. cit., p. 21. Cf. RIO BRANCO, op. cit., p.83.

15 Ibidem, p.28.

16 Ibidem, p. 34.

brasileira. O estudo de árabe e hebraico se alternava ora com o estudo de guarani, ora com a retradução de Camões e da Bíblia<sup>17</sup>.

A escolha pela tradução do *Hitopadeśa*, obra de origem hindu, espécie de coletânea de apólogos morais e contos em língua sânscrita parece, mais uma vez, reunir as duas vertentes do orientalismo praticadas pelo monarca.

Por um lado, o orientalismo intelectual, que encontra nos domínios filológico e lexicográfico o que se denominava Indologia ou estudo das línguas da Ásia, sendo o sânscrito considerado um possível ascendente das línguas europeias. Dom Pedro se inseria, desta forma, neste arcabouço intelectual e letrado, dando continuidade a uma prática europeia.

Por outro lado, partindo dessa “tradição linguística importada da Europa, a tese da origem oriental do tupi-guarani é explorada [...]. Pedro II buscava a mesma aproximação do guarani com línguas do leste asiático<sup>18</sup>”.

Vemos, portanto, que o estudo do sânscrito não foi uma mera conformidade, por parte do monarca, ao modelo dos sábios intelectuais europeus, mas uma busca mais profunda de uma origem. Sua atividade tradutória do sânscrito “servia de laboratório para comprovar as hipóteses da linguística orientalista<sup>19</sup>”.

Os autores demonstram, com isso que Dom Pedro II pode ser considerado como um dos “pioneiros do orientalismo no Brasil<sup>20</sup>”.

Sobre a segunda seção do livro, toda a edição genética seguiu o modelo da transcrição diplomática que visa uma dimensão mais escritural e espacial da página, em detrimento de uma reconstituição cronológica e linear.

Diferentemente de uma transcrição linear, que busca estabelecer uma linha cronológica e um texto coeso e coerente, se livrando das marcas de processo, a transcrição diplomática evidencia o caráter de rascunho que boa parte dos documentos de processo possuem, destacando as hesitações, as rasuras e as reescritas de um texto.

Os autores trataram o texto, primeiramente em *Microsoft Word*, para, posteriormente, inseri-lo “no *Inkscape*, software de edição de gráficos vetorizados que possibilitou reproduzir os movimentos de escritura do monarca em sua totalidade<sup>21</sup>”.

Sobre esse aspecto, uma pequena palavra. Ainda que uma das tarefas do crítico genético seja dar a ver os documentos de uma forma mais fidedigna, sem descharacterizar sua natureza incerta, móvel, lacunar e rasurada, acredito que quando se tem a presença dos fac-símiles, não seja necessário mimetizar os movimentos de escritura nem a letra do escritor. Ao crítico genético, cabe a tarefa de dar a ver o

---

17 Pedro II, op. cit., p. 36.

18 Ibidem, p. 32.

19 Ibidem, p. 33.

20 Ibidem.

21 Ibidem, p. 58.

manuscrito de maneira simples e legível, para que o leitor não precise realizar nenhum movimento de decifração.

Mas esse recurso adotado pelos autores não tira o mérito do livro, fruto de pesquisas e trabalhos intensos que, certamente, irão renovar o entendimento e a compreensão que temos de Dom Pedro II no Brasil.

## Referências

ALCÂNTARA, Pedro de. **Diário do Imperador D. Pedro II**. Org. Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

CASANOVA, Pascale. Combative Literatures. *In: New Left Review*, 72, nov./dec. 2011, p. 123–134.

CASANOVA, Pascale. Consécration et accumulation de capital littéraire [La traduction comme échange inégal]. *In: Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 144, Septembre 2002. Traductions : les échanges littéraires internationaux. p. 7–20.

Pedro II, Imperador do Brasil. **Hitopadeśa**. Org. Sergio Romanelli, Cristiane Stallaert, Adriano Mafra. 1. ed. – Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2020. (Coleção Transtextos; v. 7).

RIO BRANCO, Miguel. **Correspondência entre D. Pedro II e o Barão de Rio Branco (1889 a 1891)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.